
Etnografia: um Método para Observar a Fronteira

Etnografia: un método para Observar la Frontera

Giovane da Silva Lozano

Graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Toledo. E-mail: giovane.lozano@gmail.com.

Artigo originalmente apresentado no **III Seminário Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofronteras)**, Universidad Nacional de Itapúa (UNI), Encarnación (Paraguay), 8 a 10 de setembro de 2015.
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

Resumo - O artigo tem por finalidade demonstrar a importância da pesquisa por meio do método etnográfico nas áreas de fronteiras. Para tanto, o trabalho será dividido em três momentos: no primeiro será caracterizado a etnografia, surgimento e suas vantagens; segundo momento a discussão se fará acerca de demonstrar a importância de pesquisas conduzidas pelo método; e no terceiro apresentar duas etnografias desenvolvidas em zona de fronteira e de como ela pode nos revelar novos elementos para a pesquisa em áreas fronteiriças.

Palavras chave: Antropologia; Pesquisa de campo; Fronteira.

Resumen – El artículo pretende demostrar la importancia de la investigación a través del método etnográfico en las zonas fronterizas. Por lo tanto, el trabajo se divide en tres etapas: en la primera será caracterizada el surgimiento de la etnografía y sus ventajas; en la segunda se hará una discusión sobre la importancia de la investigación llevada a cabo por el método; y en tercero presentar dos etnografías desarrolladas en la zona fronteriza y la revelación de nuevos elementos para la investigación en las áreas de frontera.

Palabras clave: Antropología; Investigaciones de campo; Frontera.

Introdução

Este ensaio tem o intuito de demonstrar e analisar a pertinência do uso da pesquisa etnográfica nas observações em realidades de fronteiras. Para isso será discutido o método etnográfico e seus usos possíveis em estudos fronteiriços. Também serão analisadas etnografias realizadas em ambientes de fronteiras, a fim de demonstrar a sua pertinência e viabilidade neste tipo de pesquisa. Finalmente, será apresentada uma breve etnografia realizada na Ponte da Amizade localizada entre as cidades de Foz do Iguaçu/Brasil e *Ciudad del Este*/Paraguai, a fim de demonstrar sua importância para a caracterização da realidade fronteiriça e como pré-requisito na formulação de novos projetos de pesquisa. Finalmente, concluir mostrando que de fato pode ser um procedimento muito importante neste tipo de pesquisa em realidade de fronteira.

A fronteira é tida como um espaço de heterogeneidade, plural e múltipla, onde pode ser observada várias dinâmicas culturais, sociais, políticas e fluxos de indivíduos, de pensar a construção de identidade e da alteridade em relação ao outro, de se afirmar enquanto paraguaio ou brasileiro.

Para um estudo mais aprofundado, detalhado e de observação se faz necessário o uso e abuso do método etnográfico, para assim, extrair cada elemento do local analisado e pesquisado. A importância da etnografia dentro dos estudos de fronteiras é pela possibilidade que nos oferece do contato direto com os sujeitos bem como compreender a realidade local, dando assim legitimidade e oficialidade nos dados coletado.

Para tanto Albuquerque nos diz:

Perspectiva Geográfica-Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v.11, n.15, p. 279-284, jul.-dez., 2016

O que considero relevante é a prática da pesquisa etnográfica capaz de pensar o micro e o macro, o local e o global e as múltiplas teias de relações e intersecções sociais que acontecem na prática social dos sujeitos que vivem, cruzam e produzem aproximações, separações e distanciamentos entre os limites das nações. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 64).

Caracterização da etnografia

A etnografia é um método utilizado há tempos dentro da Antropologia para descrever sociedades, culturas, rituais, práticas, cerimoniais e tribos, de uma forma mais densa e de tentar levar ao leitor uma visão sistemática da realidade vista pelo pesquisador. O método implica em o pesquisador sair da sua escrivania, escritório, casa, cidade e ir até o objeto de pesquisa e conviver, morar e se relacionar nas atividades que são feitas e propostas pelo grupo que está sendo investigado.

O etnógrafo tem que ser paciente, observador e detalhista para não perder e não deixar passar nada despercebido por seus olhos, estando atento a tudo e a todos, captando cada momento de segundo de manifestação e de movimentação dentro do grupo a ser pesquisado. O pesquisador precisa ser honesto em seus relatos, tentando descrever o mais próximo da realidade dos seus olhos possíveis, como já dizia Malinowski:

A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos dos seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como que extraídos do nada. (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

Dessa forma então, o pesquisador deve ser minucioso e o mais honesto possível ao trabalhar com os dados que foram recolhidos dentro do local de pesquisa. Assim, podemos elencar alguns passos para o trabalho etnológico, dando uma forma de acompanhamento aos estudos que serão realizados. Caracterizamos aqui então 3 (três) formas simples para o desenvolvimento da etnografia: 1) leitura prévia do objeto a ser pesquisado, levantamento bibliográfico para uma maior familiaridade com o assunto; 2) uma descrição densa do objeto, ser minucioso, detalhista, olhos atento a cada movimento e manifestação, se possível nesse caso fazer entrevistas; 3) por fim, análise dos dados recolhidos e sistematização da pesquisa.

A etnografia é um método subjetivo e interpretativo e de relevância para buscar, compreender, refletir e analisar o universo do qual se quer pesquisar e conhecer. Para tanto é preciso que haja uma práxis da teoria com a aplicação do método onde não devemos somente ficar na observação é necessário que faça interferência no mundo do qual estamos estudando para que minimamente possamos entender o objeto.

A interferência que deve ser feita é através da conversa, na compra de alguma mercadoria, de tomar cerveja entre outras ocasiões que se faz necessária à presença do pesquisador para tentar capturar tudo e depois filtrar o importante para a discussão.

A etnografia, enquanto método subjetivo e interpretativo, em que não exige uma separação absoluta entre sujeito e objeto, exige uma vivência prolongada do pesquisador junto a seus interlocutores, não apenas para observar, mas para participar, em alguma medida, da vida social. (COSTA, 2014, p. 107).

Costa aponta para o sentido que a observação não pode ser descolada do objeto, ou seja, ficar a margem, vislumbrando de um ponto único de vista, mas sim, de participar, se relacionar com os indivíduos e com a realidade da qual está se estudando. Assim como diz Geertz (1989) “familiarizar o estranho e estranhar o familiar”, nesse sentido de olhar para o outro sem preconceitos ou preceitos e de buscar entender as diferentes manifestações existentes na realidade observada.

O trabalho do antropólogo, a etnografia, é incansável, pois ele tem idas e vindas ao campo com seu caderno de anotações entre outras ferramentas tecnológicas para que possa auxiliá-lo em sua pesquisa, quando necessário ele passa a residir no universo de pesquisa, assim tendo um maior envolvimento com o trabalho.

Em seu princípio de formulação, o antropólogo, analisava as “sociedades primitivas” por meio de relatos de viajantes, missionários, exploradores, material histórico e arqueológico, porém não era o suficiente ainda para entender e ter uma dimensão sistemática e ampla sobre uma determinada tribo, grupo, localidade, por conta de ser material que se obtinha através de terceiros. Assim sendo, muitas vezes o material obtido não expressava o que realmente acontecia em determinadas sociedades. Portanto, surgiu então a necessidade de compreender melhor uma comunidade onde o antropólogo precisou ir até ao local para colher mais informações.

Esses antropólogos eram chamados de “antropólogos de gabinete”. Toda a produção feita durante esse período teve respaldo e, até nos dias de hoje usamos determinados autores para explicar alguns assuntos pertinentes. Mas, sentiu-se a necessidade de realmente ir até o local pesquisado e “ver com seus próprios olhos” aquilo que os viajantes lhe diziam. Sendo assim, em meados do século XIX passa a se efetuar concisamente o trabalho de campo pelo antropólogo, onde o pesquisador percebe a necessidade da aproximação com o objeto e da vivência junto ao grupo. Franz Boas foi um dos pioneiros a introduzir o método etnográfico de participação, observação e vivência na tribo ou participando de outras manifestações culturais, dessa forma aprendendo cada parte do conjunto de tal sociedade e realidade e transcrevendo minuciosamente todos os detalhes.

No campo tudo deve ser anotado: desde os materiais constitutivos até as notas das melodias cantadas pelos Esquimós, e isto detalhadamente, e no detalhe do detalhe. Tudo deve ser objeto da descrição mais meticulosa, da retranscrição mais fiel. (LAPLANTINE, 1988, p. 77).

Dessa mesma forma Malinowski foi a campo, posterior a Boas, ele também se utilizou da pesquisa empírica de campo, de romper com os laços com o mundo europeu e se jogar dentro do universo dos trobriandeses, assim, podendo mergulhar inteiramente nesse novo mundo para compreender a totalidade dessa sociedade.

Com isso, compreendemos a importância e vantagens do estudo etnográfico do objeto a ser estudado. É importante salientar que a etnografia não é utilizada em todos os momentos e nem por todos os antropólogos. Queremos deixar claro que a etnografia é riquíssima nos estudos onde envolve relações sociais, cultural, parentesco e simbologias. Nesse caso, damos uma suma importância nos estudos etnológicos para as áreas de fronteiras, pois, com o método é possível observar vários outros elementos a ser analisado e estudado por pesquisadores como da Ciência Política, Geografia, História, Sociologia, e demais investigadores interessados na temática.

Importância de pesquisas conduzidas pelo método

Nesse ponto do artigo trataremos de algumas pesquisas feitas por intermédio do método etnográfico. Nesse momento, podemos apontar alguns trabalhos e teorias acerca dos estudos fronteiriços. Para tanto, utilizaremos de duas etnografias produzidas em área de fronteira para visualizar e entender a pertinência do método para a realização do trabalho.

A primeira pesquisa que apresentaremos será: “Negociações, associações e monopólios: a política da rua em *Ciudad del Este*” do Antropólogo Fernando Rabossi, Doutor em Antropologia Social pela UFRJ em 2004, que está incluída dentro da tese “Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira”. Rabossi, por meio da observação participante analisa e observa as práticas e negociações de vendas entre os trabalhadores informais de rua em *Ciudad del Este/Paraguai* conhecidos como *mesiteros*¹, dando visibilidade aos conflitos entre trabalhadores, policiais, fiscalização e empresários de lojas já fixadas.

No artigo, Rabossi esboça sobre a dinâmica da cidade quanto da Ponte da Amizade, narrando o fluxo de pessoas, turistas, compradores, trabalhadores, carros, taxis, vans, motocicletas, moto-taxis e da estrutura física entre outras atividades. É válido salientar que Rabossi havia planejado em primeiro lugar estudar o discurso global de segurança na fronteira contra narcotráfico, pirataria, terrorismo islâmico máfia transnacionais, porém, seu foco acabou tomando outro sentido, olhando então para a questão comercial entre *Ciudad del Este* e Foz do Iguaçu.

Quando em 1999 cheguei para realizar meu trabalho de campo, contudo, o movimento comercial entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu se transformou no foco de minha pesquisa; não somente pela magnitude e importância que assumia para a compreensão da região, mas igualmente para a compreensão de qualquer um dos problemas apontados nestas denúncias. (RABOSSI, 2011, P.84).

Então percebemos que a ida ao campo de investigação é muito mais proveitosa, pois, nos possibilita enxergarmos mais elementos que contribuirão na pesquisa.

Nesse sentido vemos que etnografia torna-se imprescindível para a problematização e sistematização da fronteira e das comunidades para compreendermos representações, socialização e aspectos de construção de identidade que os indivíduos manifestam.

Ainda no artigo de Rabossi, podemos notar que ele tem certa intimidade com o objeto/entrevistado, assim, podendo colaborar com mais informação para o desenvolvimento do trabalho, quanto mais se aproxima do interlocutor mais tranquilo fica obtenção das informações. É posto essa intimidade pelo fato do autor sempre estar em contato com os trabalhadores *mesiteros*, e podendo assim, sempre recorrer a perguntas que já foram efetuadas tempos atrás para um maior entendimento.

Ao perguntar a um *mesitero* como se fazia para ter uma *caja* na rua, ele me deu como resposta o exemplo de um companheiro que trabalhava a seu lado: "Ramón quiere poner una caja metálica. La va a poner y pueden hacerle problema, pero estamos nosotros para defenderlo. Así es que se hace". [...] como que retomando a minha pergunta de alguns dias antes, o *mesitero* que havia começado a me explicar a forma como o espaço da rua era ocupado, agregou: "Así se hace acá, Fernando. Si viene alguien ahora se puede armar lío, pero si no, una vez que está instalada ya es difícil que le quiten". (RABOSSI, 2011, P. 87).

Para além da intimidade existente, é preciso estar atento nas falas dos interlocutores para buscar entender o que estão querendo dizer e passar, é possível que nesse sentido exista um código entre os interlocutores, e, para entender as falas e os códigos é preciso estar dentro do universo investigado para se ambientar, tomar para si e vivenciar cada momento junto aos membros daquele local.

Outro texto a ser apresentado é: "Segunda fase do trabalho de campo (2003-2004): no Paraguai caminhos do contrabando" um capítulo da dissertação intitulada "A garantia soy yo: etnografia das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros na cidade de Porto Alegre e *Ciudad del Este*" da Antropóloga Rosana Pinheiro Machado.

Nesse capítulo da dissertação, Pinheiro-Machado divide o texto em 3 (três) partes. A primeira ela expressa sobre a viagem de ida e a experiência que teve a *Ciudad del Este* ao conhecer as histórias tão faladas dos entrevistados; na segunda parte ela fala da volta para Porto Alegre; assim finaliza com a terceira sobre outras viagens que havia feito e que ainda não tinha perdido o medo de viajar.

Pinheiro-Machado, não vai morar e vivenciar a realidade da fronteira como Rabossi fez. Ela conhece, mas de forma tão concisa, pois ela faz várias viagens, onde ela relata sobre o trajeto e as conversas que vai travando com os interlocutores ao longo da viagem, mais precisamente com Chico, Carinha e Rui, o qual ela firma uma amizade e consegue dele extrair elementos para a sua dissertação.

No entanto, Pinheiro-Machado fica somente em um relato dos acontecimentos, como no primeiro ponto do capítulo que expressa curiosidade e desejo de conhecer a fronteira, dessa forma ela pergunta aos informantes para contar a ela como é a vida do outro lado da fronteira.

Enquanto eu estava no camelódromo, sentada ao lado de Carminha, Rui ou Chico, ouvia muitas histórias sobre o Paraguai. Era, sem dúvidas, o tema que mais me despertava curiosidade. Insistentemente, pedia para que me contassem das aventuras e desventuras “do outro lado”. Eu as escutava encantada. Rui e Chico faziam questão de narrar episódios, vangloriando-se deles. Diziam que passavam dias no mato, fugiam da polícia, salvam as mercadorias e, ainda por cima enfrentavam grandes bandidos. Tudo aparecia como “um mundo fantástico”, cheio de perigos e glórias no final. (MACHADO, 2004, p. 25).

Após ter colhido essas informações, Pinheiro-Machado resolve ir ao “mundo fantástico” para conhecer a realidade de fronteira e de um sacoleiro. Em todo caso a sistematização da autora não passa dos seus relatos e experiências com a estrada, polícia, sol quente e de ter passado alguns celulares roubados em Porto Alegre para ser comercializados em *Ciudad del Este*.

O segundo momento, o de volta para Porto Alegre a Antropóloga recebe algumas mercadorias para trazer consigo e não deixar ultrapassar a cota do seu informante Chico, porém, ela pede que as sacolas não contenham produtos ilícitos, no entanto, ela recebe as sacolas já fechadas, sem saber o que exatamente tem dentro das sacolas, ela ainda informa que Chico, está muito nervoso por causa de uma operação da Receita Federal, e que foram parados em posto policial, tiveram que descer todos até mesmo a antropóloga que tremendo as pernas assumiu a “muamba” que lhe foram confiadas. Teve um início de hesitação em assumir, mas, ela se lembrou de Geertz e da correria da Briga de Galo em Bali, “tudo pelo nativo, tudo pela Antropologia” (p. 29, 2012).

Depois desse episódio Pinheiro-Machado resolve se distanciar para pesar e refletir sobre os acontecidos.

Pedi para me distanciar, disse que estava no meu limite e que era tudo muito novo. Chorei um pouco, o sono já era muito. Chegamos em Porto Alegre de madrugada. No outro dia, conversei muito com colegas e professores e exclamei: *não relativizei nada!* Escrevendo depois meus diários de campo e ficando uns tempos sem ir ao camelódromo, os fatos foram acomodados. (MACHADO, 2004, p. 30).

O trabalho do antropólogo é incansável, pois ele tem idas e vindas ao campo com seu caderno de anotações entre outras ferramentas tecnológicas que lhe auxiliam em sua pesquisa, quando necessário ele passa a residir no universo de pesquisa, assim tendo um maior envolvimento com o trabalho de campo.

Reflexões finais

Podemos observar nas duas etnografias entendimentos diferentes da fronteira e de sua dinâmica, a primeira desenvolvida por Rabossi, faz o processo de vivenciar todos os momentos dentro da fronteira, de ir morar no universo, de se relacionar todos os dias a vida de uma fronteira. Já a Pinheiro-Machado, por um tempo fica presa às histórias contadas dos interlocutores sem saber ao certo o que realmente acontece em uma área de fronteira, até que em um determinado momento ela se dispõe em de fato fazer o trabalho de campo e se surpreende em conhecer a realidade fronteiriça e também a dos “sacoleiros” e “muambeiros”.

Por fim, colocamos aqui que a pesquisa de campo, a etnografia, a vivência da realidade a ser estudada se faz necessário para compreender e sistematizar novas perspectivas e elementos para futuras pesquisas em áreas de fronteiras.

Perspectiva Geográfica-Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v. 11, n. 15, p. 279-284, jul.-dez., 2016

Nota de Referência

¹*Mesitero* é o diminutivo de *mesita* que significa mesa em espanhol uma estrutura móvel que serve para expor os produtos.

Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Fronteiras**: Entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação. In: CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio (Orgs). **As ciências sociais nas fronteiras**: Teoria e metodologia de pesquisa. 1. ed. Cascavel, PR: JB, 2014.

CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio (Orgs). **As ciências sociais nas fronteiras**: Teoria e metodologia de pesquisa. 1. ed. Cascavel, PR: JB, 2014.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. Etnografia na fronteira Brasil-Bolívia, em Corumbá-MS: Por uma antropologia “Nas” Fronteiras. In: CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio (Orgs). **As ciências sociais nas fronteiras**: Teoria e metodologia de pesquisa. 1. ed. Cascavel, PR: JB, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2012.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauvel. 10. ed. São Paulo, SP: Brasiliense S.A. 1997.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **“A garantia soy yo”**: etnografia das praticas comerciais entre camelôs e sacoleiros nas cidades de Porto Alegre (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). 2004. 143f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2. ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este**: Vidas e vendas num mercado de fronteira. 2004. 318f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, RJ, 2004.